

EXPERIÊNCIAS DE HOMENS TRABALHADORES BRAÇAIS DO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL QUE MIGRAM DO INTERIOR PARA A CAPITAL BAIANA¹

MALE WORKERS IN THE CIVIL CONSTRUCTION SECTOR WHO MIGRATE FROM THE SMALL CITIES TO SALVADOR-BA

Marluce Neri Gonzaga²

RESUMO

O presente artigo busca contextualizar especificidades que marcam o trabalho no setor da construção civil e os processos migratórios vivenciados por trabalhadores oriundos do interior da Bahia, que, em decorrência da falta de emprego nas suas cidades de origem, migram para a capital baiana, Salvador, significando-a como lugar de destino propício para o trabalho sem, contudo, nela se fixarem permanentemente. Esse tipo de migração se relaciona a especificidades que marcam o universo do trabalho no setor da construção civil no Brasil que, conforme apontam dados estatísticos, é formado majoritariamente por pessoas do sexo masculino, de cor negra e com baixo nível de escolaridade. Tais marcadores sociais, se pensados interseccionalmente, e de maneira localizada, isto é, considerando singularidades regionais, podem nos levar à compreensão qualitativa de aspectos importantes envolvendo tal fenômeno. Considerando que o ato de migrar não pode ser entendido apenas enquanto mobilidade entre espaços geográficos e, sim, um fenômeno que abarca diversos fatores da vida social, evidencia-se a necessidade de compreender as experiências que marcam a vida de trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana. Para tanto, foram considerados depoimentos de oito homens, entre 36 e 69 anos de idade, provenientes de cidades de pequeno porte do estado da Bahia. Em suas considerações, este artigo infere que o lugar de destino para esses trabalhadores migrantes do setor da construção civil só faz algum sentido se pensado a partir do lugar de origem e de como eles significam esses lugares.

PALAVRAS-CHAVE: migração; trabalhadores braçais; setor da Construção Civil; Salvador-Bahia.

¹ Pesquisa desenvolvida, entre 2018 e 2020, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Mestre em Ciências Sociais, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Bacharel em Serviço Social – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Membro do Grupo de Pesquisa lattes/CNPq “Corpo, Socialização e Expressões Culturais”. E-mail: marluce_neri@hotmail.com

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

ABSTRACT

This article contextualizes specificities that mark the work in the civil construction sector and the migratory processes experienced by workers from the small cities of Bahia, who, due to the lack of employment in their cities of origin, migrate to the capital, Salvador-Bahia, meaning-it as a suitable place of destination for work without, however, staying permanently in it. This type of migration is related to specificities that mark the universe of work in the construction sector in Brazil, which, as shown by statistical data, is mostly made up of males, blacks and with a low level of education. Such social markers, if considered intersectionally, and in a localized manner, that is, considering regional singularities, can lead us to a qualitative understanding of important aspects involving such phenomenon. Considering that the act of migrating cannot be understood only as mobility between geographic spaces, but rather a phenomenon that involves several factors of social life, the need to understand the experiences that mark the lives of manual workers in the construction sector is highlighted that migrate from the small cities to the capital of Bahia. For this purpose, testimonies of eight men, aged between 36 and 69 years, from small towns in the state of Bahia were considered. In its considerations, this article infers that the place of destination for these migrant workers in the construction sector only makes sense if thought from the place of origin and how they signify these places.

KEYWORDS: migration; manual workers; Civil Construction sector; Salvador-Bahia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca articular o trabalho no setor da construção civil ao fenômeno da migração ocorrido dentro do próprio estado da Bahia, focando experiências de homens inseridos nesse contexto. Para tal, buscamos situar especificidades que marcam o trabalho no setor da construção civil e os processos migratórios vivenciados por tais trabalhadores. Valorizando as narrativas dos sujeitos pesquisados, entendemos a pertinência metodológica de relacionar processos culturais e o “jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais, entre objetividade e subjetividade” (KOFES, 1994, p.140). Além do mais, consideramos neste estudo que “não é possível compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos” (BOURDIEU, 1998, p. 189). Partimos do suposto de que as narrativas dos trabalhadores pesquisados, embasadas em suas trajetórias de vida, devem ser compreendidas a partir das redes sociais das quais são partes. Igualmente, recusamos neste artigo uma visão simplista de “história de vida”, entendida a partir de categorias ficcionais tais como “desde então”, “desde pequeno”, “sempre”, altamente questionáveis

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

para um estudo de cunho sócio antropológico (BOURDIEU, 1998). O que se pretende com o recurso narrativo dos trabalhadores do setor da construção civil, migrantes na capital Salvador-Ba, é, a partir de suas experiências vividas e representadas, desenvolvermos uma análise crítica de processos sociais nos quais estão inseridos.

Os trabalhadores braçais da construção civil envolvidos nesta pesquisa são pessoas oriundas do interior da Bahia, mais especificamente do Recôncavo e da região sisaleira³, que em decorrência da falta de emprego nas suas cidades de origem, vão para a capital trabalhar. Trata-se de cidades de pequeno porte e que oferecem poucas oportunidades de emprego e, sendo assim, as possibilidades desses trabalhadores adquirirem melhores condições de vida no lugar de origem são ínfimas, pois as poucas oportunidades de trabalho para esses sujeitos giram em torno da agricultura, do armazém de fumo, do pequeno comércio local e pequenas construções e reformas de imóveis.

Diante das difíceis condições materiais de vida no interior, situados numa posição de classe cuja característica é a oferta da própria força de trabalho para garantir a sobrevivência, sem condições de investirem na formação escolar e terem a oportunidade de escolhas para seguir uma carreira valorizada socialmente, moradores em municípios cuja oferta de empregos é extremamente escassa veem na capital – e especialmente, no setor da construção civil – a oportunidade de garantia de sobrevivência e melhora das condições de vida material. Contudo, não obstante a busca por emprego na capital, o lugar de origem desses trabalhadores permanece como importante referência de pertença.

Especificamente, sobre a população pesquisada, entrevistou-se oito trabalhadores da construção civil⁴, com idades entre 36 e 69 anos, que saíram do interior do estado⁵ e foram trabalhar na capital Salvador, mantendo vínculos com o lugar de origem, sendo sete casados e um solteiro. Chegou-se a tal população de trabalhadores através do recurso metodológico que privilegia o desenho de redes de contatos. Isto é, através de um

³ Tanto eu, pesquisadora, quanto seis dos oito entrevistados estamos situados no Recôncavo da Bahia, os outros dois interlocutores têm como lugar de origem o município de Serrinha, situado no Sertão da Bahia, fato importante de se mencionar para “não deixar fugir ao olhar outros atravessamentos produzidos pelos deslocamentos e relações construídas a partir das [inter]conexões com outras partes do vasto território que forma o Estado da Bahia” (SOUZA, 2013, p.57).

⁴ As falas dos sujeitos da pesquisa aparecem referenciadas na pesquisa a partir de nomes fictícios atribuídos aos mesmos.

⁵ Especificamente, região recôncava – envolvendo trabalhadores oriundos dos municípios de São Gonçalo dos Campos, situado a 117 km da capital e Cruz das Almas, situado a 150 Km da capital – e sisaleira – envolvendo o município de Serrinha, situado a 183 Km da capital.

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

trabalhor, chegou-se ao conhecimento de outros, num exercício promovido pela apresentação de “amigos de amigos”. Tal recurso se mostrou adequado, uma vez que:

Nem os indivíduos nem as configurações particulares que eles formam podem ser considerados separadamente. A inter-relação entre os dois é dinâmica e forma um processo [... Assim] Padrão, processo [...] devem ser vistos como o resultado cumulativo de decisões tomadas por pessoas que interagem umas com as outras e que se defrontam com parâmetros semelhantes (BOISSEVAIN, 2010:215).

No que se refere à condição racial, a maioria se autodeclarou negra, sendo que, afora esses, um se autodeclarou “moreno”, outro se autodeclarou “claro” e outro, ainda, preferiu não definir sua cor. Importante observar, contudo, que mesmo diante das nuances de cores de pele desses sujeitos, o entrevistado que se declarou “moreno” e o outro que não declarou a cor são fenotipicamente negros. Já o que se declarou “claro”, fenotipicamente pode ser considerado branco aos parâmetros brasileiros. Via de regra, esses trabalhadores que vão para a capital seguem os caminhos já percorridos por pessoas muito próximas do seu convívio, como um pai, tio, primo, amigo, que foram “tentar a vida na capital”. Como a construção civil é um setor produtivo que não exige um alto nível de escolaridade para os trabalhadores braçais, ele atua como um campo que abre as portas para emprego a boa parte das pessoas que se deslocam do interior para trabalhar.

O fenômeno migratório neste caso é caracterizado, dentre outros fatores, pela alta rotatividade dos trabalhadores, uma vez que as obras no setor da construção civil são realizadas em etapas sucessivas. Para cada uma dessas etapas existe um contingente de trabalhadores que é admitido e um outro que é demitido. É exatamente esse vai-e-vem de trabalhadores, e esse movimento de pêndulo que eles realizam no ir e vir de seus lugares de origem para a capital e da capital para seus lugares de origem, que compõe a especificidade desse tipo de migração. No estado da Bahia, o setor da construção civil é responsável pelo emprego de uma parcela bastante significativa de pessoas pertencentes às camadas mais pobres da população. A proporção de trabalhadores negros sobre o contingente de trabalhadores não-negros ocupados neste setor é bastante significativa no estado da Bahia. Eles representam 83% dos ocupados (DIEESE, 2012, p.13). Ainda de acordo com dados do Dieese (2012), o universo de trabalhadores é formado

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

majoritariamente por pessoas do sexo masculino, de cor negra e com baixo nível de escolaridade.

Diante do exposto, evidencia-se que o conceito de interseccionalidade se faz bastante apropriado para a discussão ora proposta. Conforme nos ensina Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002:177).

E ainda, nas palavras da mesma autora:

Utilizando uma metáfora de intersecção, [é possível fazer ...] uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. (CRENSHAW, 2002:177).

É interessante pensar que na situação analisada neste artigo é o homem quem migra, deixando na cidade de origem mulher e filhos. Migra por ser socialmente classificado como o provedor da família, responsável por prover todas as necessidades materiais familiares, enquanto à mulher é imposta a atribuição de cuidadora do lar, mormente enfrentado extenuantes horas de trabalho, seja cuidando da casa e dos filhos, ou conciliando tais atividades com o trabalho realizado fora de casa.

O setor da construção civil é um ambiente historicamente masculinizado. O universo de trabalhadores envolvendo os mais diversos cargos nesse ramo é marcado majoritariamente pela presença de homens. Ainda que seja possível notar a inserção de

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

mulheres nesse setor, a presença destas ainda é muito marginal. Se formos tomar por exemplo a atividade exercida pelas trabalhadoras braçais desse setor veremos que elas estão inseridas em atividades tidas como mais leves, que necessitam de mais destreza e delicadeza (limpeza, acabamento), atividades estas que remetem ao cuidado, tidas socialmente como atividades próprias de mulheres. As relações entre homens e mulheres nesse setor se dão na maioria das vezes de maneira tensa, conforme destacado no estudo realizado por Leite (2017). De acordo com esse autor, “existe também uma hierarquização no segmento da construção civil, envolvendo homens e mulheres, onde acaba predominando a supremacia masculina em relação à condição feminina” (LEITE, 2017, p. 106). Importante notar, contudo, que, no caso do perfil correspondente aos nossos interlocutores, mesmo na condição de homens ocupando um espaço masculinizante como o da construção civil, os outros marcadores sociais que carregam – negros e de baixa escolaridade – os colocam em situação desigual e desfavorável nesse universo, em relação a outros homens.

MIGRAÇÃO E O TRABALHO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Para Carvalho (2008) “migrante é aquele que deixa seu local de origem em busca de um sonho, impulsionado pelos seus desejos. Um ser desejante” (p.15). Quando falamos de trabalhadores da construção civil que migram do interior para a capital baiana, estamos falando de pessoas que movidas por circunstâncias como falta de emprego, e tantos outros fatores que tornam limitadas as condições de vida no lugar de origem, sentem-se obrigados a partir, na tentativa de prover o seu sustento e de seus familiares, alimentando, assim, a esperança por dias melhores .

Ao migrar, o trabalhador da construção civil se depara diariamente com a ausência de familiares e amigos deixados no lugar de origem, cujo convívio restringe-se, geralmente, apenas aos finais de semana. De acordo com Sennett (2009), o novo modelo econômico, baseado em curtos prazos, faz com que o trabalhador viva à deriva no tempo, de lugar em lugar. Assim, pode-se dizer que o capitalismo “corrói o caráter da pessoa”, de maneira especial, o caráter que liga as pessoas umas às outras.

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

A alta rotatividade no setor da construção civil provoca impactos na vida dos trabalhadores. Eles convivem diariamente com a incerteza, trabalham sob pressão, pois precisam entregar a obra dentro do prazo estabelecido pelo empregador. O trabalhador vive atormentado pela instabilidade: ora se está empregado, ora desempregado, hoje se está em um lugar, amanhã já precisa partir em busca de outro lugar que lhe possibilite estar trabalhando. Nas palavras de Shappo (2004):

(...) o percurso daqueles que se põem em movimento é marcado pela incerteza e insegurança em torno das possibilidades de ascensão social e também constituído por uma vivência marcada por constrangimentos à liberdade de escolha, no tocante às ações e opções que norteiam projetos e ideais de vida (SHAPPO 2004, p. 233).

Mesmo passando por dificuldades, muitos trabalhadores permanecem no setor da construção civil pela falta de oportunidade de encontrar emprego em outro setor. Submetem-se a longas jornadas de trabalho, enfrentam os riscos de acidentes, além de serem mal remunerados. Conforme elucida Dejours (1992), “O medo, seja proveniente dos ritmos de trabalho ou de riscos originários das más condições de trabalho, destrói a saúde mental dos trabalhadores de modo progressivo e inelutável” (DEJOURS, 1992, p. 74). Desta forma, o trabalhador migrante da construção civil, além de ter suas forças físicas deterioradas pelos trabalhos forçosos, tem também sua saúde mental comprometida pelas pressões dentro do canteiro de obras, pela instabilidade, e também pelas saudades de quem o espera no lugar de origem. Conforme Borges e Martins (2004):

(...) as patologias dos trabalhadores da construção civil se fazem em um processo de sofrimento psíquico no qual o trabalhador migrante, para sobreviver, necessita abortar seus valores e, esvaziando-se, aliena-se de seu potencial criativo, passando a incorporar os valores do empregador, emperrando sua capacidade crítica, reproduzindo modelos que lhe são oferecidos (BORGES e MARTINS, 2004, p. 142)

Além de estar longe de casa, o trabalhador migrante da construção civil atua em um ambiente marcado por ritmos acelerados, pressões, exploração e desvalorização, fazendo com que se desencadeie uma série de sofrimentos psíquicos que somados aos sofrimentos físicos colocam o profissional em uma condição de extrema vulnerabilidade.

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

Ainda no que se refere ao sofrimento psíquico desse perfil de trabalhadores, pode-se acrescentar o medo e a ansiedade experimentados por eles, em decorrência dos riscos de acidentes de trabalho, o estresse provocado pelas pressões exercidas sobre os mesmos, além das longas jornadas de trabalho, pois o “trabalhador se vê tensionado em excesso, indo além de suas condições fisiológicas e psicológicas para atender às demandas, por uma garantia de emprego e melhor salário” (BORGES e MARTINS, 2004 p.140).

No tocante ao processo de trabalho dentro do canteiro de obras, a indústria da construção civil possui características muito próprias e revela um caráter complexo e dinâmico. É um processo de trabalho marcado pela descontinuidade das obras. O processo produtivo é fragmentado em etapas sucessivas que exige do trabalhador habilidades específicas. O trabalho na construção civil exige organicidade entre os pares para que o andamento das etapas do processo produtivo ocorra de maneira eficaz, como bem pontua Borges e Martins (2004):

O cotidiano de um canteiro de obras está marcado ao mesmo tempo pela diversidade, pela especificidade e pelo conjunto: a maioria das tarefas está implicada na dependência de um grupo de pessoas que realizam, ao mesmo tempo, tarefas diferentes. Uma tarefa depende da realização de outras, num continuum, assim como em geral o trabalho se realiza em conjunto, dependendo da ação de outros operários (BORGES E MARTINS, 2004, p.138)

Ainda de acordo com Borges e Martins (2004), na construção civil, a falta de reconhecimento ao trabalhador é constante, seja pela desqualificação, seja por ser facilmente substituído, seja por ser migrante. O trabalhador vê-se, então, numa situação de inferioridade e, para não perder seu emprego, submete-se às pressões dos contratantes, às humilhações e a jornadas de trabalho extenuantes; um trabalho pesado que requer um grande dispêndio de força física e também psicológica. “O nível de submetimento é considerável. Principalmente por ser este o espaço que o acolhe, estando recém chegado em um ambiente estranho” (BORGES E MARTINS, 2004, p.139). Nesse contexto, os processos de migração que envolvem os trabalhadores do setor da construção civil são marcados pela esperança e expectativas iniciais rumo a um futuro melhor aliados a dissabores, descobertas e novas redes de relações.

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

Diferentemente dos casos clássicos apontados pela literatura sobre o tema da migração, o perfil de trabalhador da construção civil aqui estudado deixa seu lugar de origem e vai para o lugar de destino não, necessariamente, nele se fixando. Muitos passam toda a vida economicamente ativa trabalhando na capital, restringindo as idas ao lugar de origem aos finais de semana e durante o período de férias, e, junto ao sonho da aposentadoria, acalentam o desejo de voltar para o lugar de origem, para o “seu interior” (SOUZA, 2013) e lá permanecerem permanentemente.

Considerando que migrar não significa apenas uma mobilidade entre espaços geográficos e que este ato está enredado por diversos fatores que envolvem a subjetividade dos sujeitos envolvidos, entendemos ser importante aos estudos sobre migração compreender como esses migrantes “tratam subjetivamente essas possibilidades objetivas de trabalho e de vida” (MENEZES, 2012, p.26).

A IDA AO LUGAR DE DESTINO, ENTRE IMPOSIÇÕES ESTRUTURAIS, ANSEIOS E DECISÕES

As narrativas de nossos interlocutores a respeito da infância no lugar de origem guardam as especificidades do trabalho precoce na roça para ajudar os pais a criarem os irmãos mais novos, ou para ajudar a mãe. Inseridos nessa “vida de adultos” ainda muito cedo, eles contam que conciliavam trabalho e escola, mas que, em determinado momento, era preciso escolher entre um dos dois. Diante das necessidades de sobrevivência, abandonava-se a escola para dedicação ao trabalho físico. “Aí passei para o primeiro ano (...) eu já tava já garotão forte bom de trabalhar, aí eu só estudei até o meio do livro, aí é... a cabeça não deu para estudar mais aí eu digo: eu vou sair da escola e vou começar a trabalhar para ajudar minha mãe” (Seu João, 69 anos). A frase “garotão forte e bom para trabalhar” é um dado importante para pensarmos o lugar que o trabalho ocupa na vida das pessoas que precisam dele para sobreviver. Certamente, seu João repete aquilo que escutou de seus pais e de outras pessoas que acreditavam que o trabalho físico era mais importante que os estudos. Em uma conversa com outro interlocutor sobre as dificuldades encontradas por ele e por seus contemporâneos para estudar, disse que: “naquele tempo, menino bom era que trabalhava” (Seu Antônio, 63 anos). De acordo com ele, as pessoas

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

valorizavam os meninos que iam para a roça trabalhar, esses eram considerados “meninos direitos”. Sabemos que o trabalho possui um valor moral e é um atributo de honra para o ser social. No entanto, quando experimentado ainda na mais tenra infância, pode limitar as possibilidades de essas crianças viverem uma etapa importante da vida, diante da “necessidade de ganhar seu pão, [...] entra[ndo] nos domínios da sociedade onde os homens lutam pela vida” (HALBWACH, 1990, p, 42).

Sabemos da dificuldade de conciliar trabalho e estudo, principalmente quando falamos em trabalho braçal, na lida com a terra, enfrentando sol e chuva. “Foi uma infância que praticamente pra o que eu vejo hoje, não teve infância. Mas somente trabalho, a gente nasce no campo, se criamos no campo... meu pai era um homem muito trabalhador, nos criou em cima disso e até hoje a gente somos guerreiros assim” (Seu Matias, 49 anos). Colocar-se na condição de “guerreiro” pode estar relacionado ao fato desses homens se verem como alguém que luta para sobreviver. Afinal, o guerreiro é aquele que com a força do seu braço derruba os inimigos, trava lutas constantes, está sempre pronto para o combate. E eles lutam para ter o que comer, o que vestir, onde morar, para ajudar a família, para sobreviver. “A gente não se abate não, a gente pega firme, já tá acostumado no ritmo e aí a gente segue em frente. A gente chama por Deus e toca o barco, a gente chama por Deus e a gente vence” (Seu Paulo, 51 anos). E “tocando o barco” esses homens, alguns ainda na adolescência, entraram no mercado de trabalho,

As condições de vida era fraca, terminou chegando a idade dos 14 anos comecei sair pra trabalhar, correr atrás pra ajudar a minha família. Aí eu fui trabalhar que não dava mais pra continuar o estudo não porque não tinha condições de meu pai e minha mãe tá sustentando 10 filhos, dar roupa, alimentação, né? A despesa era muita e aquele tempo as coisas era mais difícil, aí eu conversei com um camarada e fui trabalhar, logo antes eu já trabalhava aqui de ajudante de pedreiro ... aí com meus 14, 15 anos eu já fui trabalhar lá no polo, chegava lá era um sofrimento fora de sério (Seu André, 58 anos)

Entre dar continuidade aos estudos e suprir as necessidades básicas para sobreviver, esses homens tiveram que optar pelo trabalho braçal; não que eles não considerassem a possibilidade de continuar estudando: “se eu pudesse estudar um pouco mais até me formar eu queria ser um professor..., eu queria” (Seu Lucas, 54 anos), “se eu tivesse condições de continuar estudando eu acho que eu seria um médico ou um

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

advogado” (Seu André, 58 anos), “eu gostava muito de educação física, se eu continuasse estudando faria educação física” (Silas, 36 anos). Seu Mateus, outro interloutor, ao ser indagado a esse respeito, disse que essa resposta ficaria no ar, pois ele poderia exercer “uma outra profissão, ou não” (Seu Mateus, 50 anos). Tais respostas nos levam à asserção de que nesses casos a premência por suprir as necessidades materiais mais imediatas limita a possibilidade de vislumbrar um futuro diferente.

Em se tratando de níveis de educação formal e sua importância no processo de ascensão social do indivíduo, cabe ressaltar que os negros são obrigados a ingressar no mercado de trabalho mais cedo para ajudar no sustento da família. Muitas dessas crianças e adolescentes param de estudar ou associam trabalho e estudo para sobreviver. Em contrapartida, crianças e adolescentes brancos com a mesma faixa etária estão frequentando apenas a escola (DIEESE, 2012). Essa situação corrobora de maneira efetiva para que se acentue a desigualdade social entre negros e brancos, uma vez que a educação formal se constitui um dos elementos primordiais para a mobilidade social.

Quando se observa os postos de trabalhos tidos socialmente como menos prestigiosos, lá se encontram, em sua maioria, pessoas negras com menor grau de escolarização e em situação de maior vulnerabilidade social. E, este é o caso dos trabalhadores braçais da construção civil que, além de terem suas vidas impactadas por condições precárias de trabalho, muitas vezes têm seu acesso a bens e serviços limitados.

Ser negro no Brasil – país em que o preconceito é de marca, ou seja, quanto mais características negroides a pessoa possuir mais preconceitos ela poderá sofrer – é ter que todos os dias conviver com olhares discriminatórios, sob o suposto de que se é menos inventivo ou criativo, com capacidade intelectual reduzida, ou que se tem propensão ao crime, como comumente o negro é rotulado. Nessa separação construída entre brancos e negros, a população negra sofreu e ainda sofre consequências nefastas. Quando observamos, por exemplo, os postos de trabalhos que estão sendo ocupados por pessoas negras, percebemos que eles geralmente estão em ocupações forçadas, trabalhos braçais que exigem maior dispêndio de força física. É válido ressaltar que essa situação historicamente foi justificada pelo argumento de que pessoas negras seriam mais fortes e suportariam os trabalhos mais pesados. Assim, “o racismo brasileiro [...] interfere objetivamente nas condições sociais dos(das) racialmente discriminados(as) [devendo,

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

portanto, ser] visto [criticamente] como reiterador das desigualdades nas condições materiais de vida e de trabalho dos(das) negros(as) brasileiros(as) (MARTINS, 2013, p. 12-13)

Quando olhamos para o mercado de trabalho da Região Metropolitana de Salvador, observamos um mercado segmentado e com efeitos perversos no que se refere à inserção e sobrevivência de seus indivíduos, que cresce com base no trabalho precário, onde as noções de direito e cidadania permanecem ainda distantes da realidade cotidiana da luta pela sobrevivência de seus trabalhadores (CASTRO E BARRETO, 1998).

As narrativas apresentadas por nossos interlocutores neste artigo destacam que, no interior do estado, as oportunidades de melhorar de vida são ínfimas, pois giram em torno da agricultura – “o trabalho na roça é só pra gente comer, não tem como a gente ter uma vida estável, uma vida boa”(Silas, 36 anos) –, do armazém de fumo⁶ – “quando eu saí da escola que fui trabalhar, eu trabalhava de armazém de fumo (...) quando eu saí do armazém de fumo, aí eu já fui trabalhar de ajudante de pedreiro” (Seu João, 69 anos) – e dos serviços como serventes nas pequenas construções e reformas de casas. Trabalhar na capital é a possibilidade a esses homens de ingressarem no mercado de trabalho no setor da construção civil e lá adquirir a classificação profissional como pedreiro, carpinteiro, eletricitista etc. Além da classificação profissional, outros aspectos importantes ressaltados por eles são ter a carteira assinada e a possibilidade de ajudar a família e construir uma casa no lugar de origem. “Hoje eu tô com minha família estabilizada, né? Os filhos criados, esposa, fiz minha casa.” (Seu Mateus, 50 anos).

A experiência migratória vivenciada por esses sujeitos significa a possibilidade de mobilidade ocupacional e com isso a oportunidade de ajudar financeiramente a família a partir da obtenção de mais recursos financeiros. Sabemos que as condições salariais dos trabalhadores braçais no setor da construção civil são precárias, mas, ainda assim, eles as interpretam como melhores em relação àquelas vividas no interior, antes do ingresso no mundo do trabalho na capital. Nestes termos, o deslocamento para trabalhar na capital

⁶ O Recôncavo é historicamente caracterizado pela economia do cultivo e exportação do fumo. O município de Cruz das Almas por exemplo, é conhecido também como a "Capital do Fumo". É o maior produtor de tabaco da Bahia e possui fábricas voltadas para a cultura do fumo, destacando-se na exportação de fumo na América Latina.

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

pode ser entendida “(...) como uma nova estratégia e oportunidade de (tais trabalhadores) melhorar(em) suas condições de vida (SILVA e MENEZES, 2012, p.27).

Observando por esse viés, podemos inferir que os trabalhadores braçais migrantes do setor da construção civil ao tomarem a decisão de migrar, movidos pelo anseio por melhores condições de vida, agem como sujeitos ativos nesse processo migratório. Diante de fatores estruturais que pesam sobre suas existências, premidos pela necessidade de sobreviver, agenciam margens estreitas de escolhas e decisões ao irem para outra cidade, imaginada por eles como o lugar de realizações e de melhores oportunidades de emprego. Chegando ao lugar de destino, eles precisam agenciar suas vidas com relação ao viver na capital, moradia, trabalho, transporte, além dos aspectos subjetivos que também estão envolvidos nesse processo, a exemplo da saudade de casa e do sentimento de solidão.

Seu Paulo (51 anos) aos 20 anos de idade saiu do lugar de origem onde nasceu e trabalhou na roça durante toda a infância e adolescência. Posteriormente, seu irmão, Matias (49 anos), ainda jovem, também foi trabalhar na capital. Seu Lucas (54 anos), aos 17 anos, foi levado pelo cunhado para trabalhar em Salvador. Seu André (58 anos), aos 14 anos, também partiu para trabalhar por intermédio de um amigo. Silas (36anos) foi, aos 26 anos, a convite da irmã. Seu João (69 anos) disse que quando completou os 17 anos e 6 meses já não quis mais ficar trabalhando em sua cidade de origem, se decidindo por ir para Salvador onde foi trabalhar como ajudante de pedreiro. Seu Mateus (50 anos) foi aos 18 anos depois de ter trabalhado como vaqueiro e agricultor, ajudando o pai no interior, e seu Tiago (45 anos) foi trabalhar em Salvador, com seus vinte e poucos anos, na década de 1990, quando surgiu uma oportunidade de começar uma obra na Universidade Federal da Bahia, no prédio de Geociências, após ter passado em uma seleção. Todos foram para Salvador com um trabalho já garantido no setor da construção civil. Como podemos observar, foram ainda muito novos, permanecendo no interior a família e suas redes de afetos.

A necessidade de trabalhar, de possibilitar melhores condições de vida aos seus familiares, as escassas oportunidades de emprego no lugar de origem, são fatores condicionantes para a ida desses trabalhadores à capital, onde o setor da construção civil tendencialmente os absorve. Por outro lado, os vínculos afetivos que mantêm no lugar

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

de origem fazem com que estejam constantemente em trânsito entre o interior e a capital, reforçando esses laços familiares, de amizade e de pertencimento.

EXPERIÊNCIAS NO LUGAR DE DESTINO

Ao partir para o lugar de destino, o trabalhador leva consigo inúmeras incertezas a respeito de como irá se desenrolar a vida na capital, uma vez que se trata de um lugar do qual pouco se sabe, muitas vezes, apenas de ouvir falar, visto que geralmente esses trabalhadores vão por intermédio de um parente ou amigo próximo que já se encontra em trabalho na capital. Vias de regra, tais pessoas responsáveis pela intermediação servem de apoio inicial, dando instruções de sobrevivência e acolhendo temporariamente os trabalhadores recém chegados. Ao se estabelecerem na capital, precisam logo encontrar meios de moradia que, geralmente, se dá a partir do aluguel de um espaço – quarto ou casa de pequenos cômodos – onde ficam (individualmente ou com outros colegas trabalhadores, dividindo as despesas) durante os dias de trabalho, havendo também, em certos casos, a possibilidade de permanência em alojamentos nas obras onde conseguem colocação.

Esses trabalhadores migrantes, que saem do interior para a capital, estão acostumados com uma rotina mais calma, sem a agitação da cidade grande, o “sobe e desce de coletivos”, o fluxo intenso de pessoas, o emaranhado de bairros/locais pelos quais precisam transitar para chegar ao local de trabalho, ou ao lugar onde moram na capital. De acordo com as narrativas apresentadas, esses sujeitos descrevem o começo da vida na capital como muito difícil, como é o caso do senhor Tiago que foi para Salvador em 1990, mas não conseguiu se adaptar á cidade porque teve “bastante dificuldade [...]por não conhecer, por ser do interior...” (Seu Tiago, 45 anos).

O medo da cidade grande, dentre outros fatores, é representado no discurso desses homens quase sempre atrelado à violência: “lá (na capital) é igual a banguê banguê” (Seu Mateus, 50 anos); “uma vez a gente foi assaltado, o cara puxou uma peixeira [faca], não tem como a gente não ter medo” (Seu Lucas 54 anos). Tendo passado por duas experiências de assalto na capital, Seu Lucas narra que no primeiro episódio os assaltantes estavam com facas e no segundo assalto os assaltantes estavam com arma de fogo.

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

Segundo ele, “lá é muito perigoso (...) não tem como você nem ficar no ponto de ônibus parado esperando transporte. Você fica em uns lugares aí quando o ônibus vem você corre e entra no ônibus, lá onde eu fico em Castelo Branco [bairro] é assim, é muito perigoso” (Seu Lucas, 54 anos). Na mesma linha de observação, Silas expõe que “O medo em si, temos né, por causa das coisas que acontece, a violência tremenda. E, então, tudo isso deixa você mais retraído de ficar mais à vontade no local onde você está” (Silas, 36 anos). Dessa forma, eles buscam maneiras de viver na capital procurando evitar se expor aos perigos.

Viver longe da família durante os dias de semana é um dos incômodos que acompanha o trabalhador migrante da construção civil. “Eu comento com meu irmão que é um pouco difícil, mas tudo é dificultoso, você ter a sua família lá [no interior] é difícil a gente cria os filhos, mas não é como criar junto” (Seu Paulo, 51 anos). “Aí eu deixava ela [a esposa] aqui [em São Gonçalo, cidade do Recôncavo da Bahia, seu lugar de origem] com os filhos, ia embora, passava a semana toda lá em Salvador, trabalhando e morando sozinho lá, eu sentia falta assim dela” (Seu João, 69 anos), “A distância é muita saudade, muitas preocupações, eu não me acostumo a ficar em Salvador o tempo todo, tô querendo vir embora [de vez] já de lá, que lá já tá muito perigoso” (Seu Lucas, 54 anos).

O sentimento de saudades encontra no repertório desses homens um lugar de destaque, falam tanto da saudade da esposa quanto dos filhos, pais e amigos; “eu mesmo moro sozinho, aí de noite minha fia... é só ouvir rádio, celular, como é que não bate saudade? (Seu Lucas, 54 anos). “Quando eu lembro das minhas amigades eu fico assim um pouco abatido porque a gente vai aonde a gente nasceu e se criou, a gente não vê as pessoas todas que a gente tem vontade de ver” (Seu Paulo, 51 anos). Uma das estratégias que eles utilizam para amenizar tal sentimento é buscar formas de se entreter, escutando rádio, assistindo televisão, acessando as redes sociais, a ligação/mensagens também são meios de encurtar a distância e se manterem inteirados sobre o que acontece no interior durante sua ausência. Porém, como disse Seu Paulo “nunca é como tá perto, mas é o jeito”. A expressão “é o jeito”, ou seja, a única forma que se tem para sustentar a família, é constantemente repetida por eles. Essa é a forma que eles têm de se convencerem de que estão ali por um bem maior - conseguir o sustento dos seus, e de alcançarem melhores condições de vida. Esse “é o jeito” também pode ser interpretado como: esse é meu jeito

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

de amar, de cuidar, de proteger, de prover. O que não deixa de ser também um modo de reafirmação do homem do seu lugar de provedor e de seu *status* de trabalhador, pois do outro lado, no interior está a mulher, cuidadora dos filhos, da casa, dos dependentes, papéis socialmente estabelecidos e que são reproduzidos no discurso e na forma de pensar e de agir de boa parte da sociedade.

Enquanto indicativo de valor moral,

O trabalho seria mais que um instrumento da sobrevivência material para os homens, pois se “constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem. É condição de sua autonomia moral, ou seja, da afirmação positiva de si”. Assim, o trabalho confere aos homens uma ideia de valor moral pela responsabilidade e capacidade de prover a família (SILVA, 2013, p. 75).

O discurso de não se deixar abater e de ter que seguir em frente está presente na totalidade das falas dos sujeitos. Essa é uma estratégia encontrada por eles para permanecerem vinculados ao trabalho na capital mesmo diante das dificuldades de adaptação enfrentadas. “A gente tem que enfrentar, não pode se deixar abater” (Seu Mateus, 50 anos). “É aquele tipo da coisa, a gente não se abate não, a gente não se abate, a gente pega firme, já tá acostumado no ritmo e aí a gente segue em frente” (Seu Paulo, 51 anos). “Mesmo com dificuldade tem que correr atrás, lutar e é assim” (Seu André, 58 anos). “A gente tem que seguir, como sabemos que a gente tem que trabalhar, então tem que correr atrás” (Silas, 36 anos).

Em se tratando das percepções que esses trabalhadores do interior têm em relação à capital, nota-se que o lugar que antes da experiência da migração era tido como o lugar que lhes possibilitaria melhores condições de vida, oportunizando a eles condições para ajudar a família e garantir a sobrevivência própria, se apresenta, após a experiência, também como o lugar do medo, da solidão e da saudade. No entanto, ainda assim, entendem que a capital permanece sendo o melhor lugar para se trabalhar. Seu André, por exemplo, é muito enfático ao dizer que:

Agora pra falar a verdade, eu não gosto de Salvador, eu gosto do interior. Salvador para mim, só é bom pra trabalho, pra trabalho é ótimo, e eu também só gosto de trabalhar lá, não gosto de trabalhar no interior porque é muita humilhação (...) no interior o emprego é mais difícil, aí

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

o pessoal às vezes quer aproveitar para tá humilhando as pessoas, e eu não gosto disso. Ninguém gosta de ser humilhado, né? (Seu André, 58 anos).

Esse depoimento de Seu André revela alguns aspectos que precisam ser destacados para uma melhor compreensão acerca da percepção de trabalhadores migrantes com relação aos lugares de origem e destino. Primeiramente, há que se destacar a visão que ele tem sobre a capital, isto é, o lugar de destino, como lugar de oportunidades; visão compartilhada por todos os sujeitos inseridos nessa condição de migrante. Quem migra é porque idealiza um lugar de melhores condições e isto se dá em qualquer experiência migratória: o lugar de destino, não deixa de ser um lugar de esperança e de expectativas. Além disso, é interessante destacar essa comparação que Seu André faz entre a capital e o interior, no que se refere às relações de trabalho: na capital, mesmo o trabalho sendo árduo e pesado, teria uma característica menos “humilhante” se comparado ao interior. Talvez essa característica esteja relacionada com o fato de ele estar trabalhando com a carteira de trabalho assinada, com um contrato de trabalho estabelecido e o entendimento da hierarquia dentro do canteiro de obras onde ele sabe que está ali para receber ordens de alguém com um cargo mais elevado que o seu, engenheiros, técnicos e mestre de obras. Por considerar esse submetimento aceitável, ele não se sente humilhado, apenas está ali para cumprir a sua função de trabalhador braçal.

Referindo-se à forma como vivem os migrantes nas metrópoles, Mandarola Jr. (2006), argumenta que esses vivem em constante mobilidade e que suas relações na metrópole são sempre tênues. A distância da comunidade, da casa, faz com que esses sujeitos filtrem o risco das constantes viagens como riscos toleráveis e se ponham a caminho em direção ao lugar de origem. Essa formulação pode ser comparada à forma como os trabalhadores braçais migrantes da construção civil vivem na capital, Salvador. Eles não fixam moradia na capital, vivem num constante ir e vir, estabelecendo na capital relações que geralmente são provenientes do ambiente de trabalho. Conforme aludido pelos próprios trabalhadores: “tenho muitos amigos lá no trabalho, mas na rua onde eu moro, no bairro não, é só assim: oi, oi, e vou seguindo meu caminho não sou de parar nem ficar em porta de bar nem em esquina batendo papo, não (Seu André, 58 anos); “Minha amizade foi só no setor de trabalho, fora eu não contava com ninguém não, não

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

conhecia” (Seu Mateus, 50 anos). A bem da verdade, a própria rotina de trabalho reduz as oportunidades de convivência dos trabalhadores com a vizinhança, uma vez que eles saem muito cedo de casa e só retornam ao final do dia, já cansados. Assim, o lugar de destino se constitui na percepção dos interlocutores desta pesquisa como lugar por excelência do trabalho, de onde eles conseguem prover a própria sobrevivência e de seus familiares, cujo salário conquistado é utilizado para suprir as necessidades da família no interior e as deles próprios na capital, visto que viver na cidade onde se trabalha demanda também custos com transporte, alimentação e aluguel.

Menezes (1990), argumenta que em geral a ligação do migrante com a terra natal é muito forte e mesmo aqueles que estão afastados há décadas de sua origem é frequente a volta para passear. São nesses momentos que os laços de amizades e de parentescos são reforçados. No estudo aqui empreendido, o que se observa é que esses laços podem ser reforçados a cada final de semana, na volta para casa, após uma semana de trabalho pesado. Além desses laços serem reforçados, é também esse o momento para que o trabalhador possa restabelecer suas forças. Momento do tempo livre, para que o corpo, diariamente submetido a ritmos frenéticos de trabalho, se restabeleça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido ao longo deste artigo, infere-se que o lugar de destino para esses trabalhadores migrantes do setor da construção civil só faz algum sentido se pensado a partir do lugar de origem e de como eles significam esses lugares. No limite, pode-se afirmar que o lugar de destino se dá em função do lugar de origem. Esta é a constatação a que se pode chegar quando nos deparamos com as narrativas dos sujeitos da pesquisa. Diante das difíceis condições materiais de vida, situados numa posição de classe cuja característica é a oferta da própria força de trabalho para garantir a sobrevivência, sem condições de investirem na formação escolar e terem a oportunidade de escolha para seguir uma carreira valorizada socialmente, moradores em municípios cuja oferta de empregos é extremamente escassa, veem na capital – e especialmente, no setor da construção civil – a oportunidade de garantia de sobrevivência e “melhora das condições de vida”, ainda que as experiências no lugar de destino sejam assustadoras,

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

desafiadoras e muitas vezes degradantes. Dada à relativamente curta distância que marca suas cidades de origem e a capital e, principalmente, ao sentimento de pertencimento, encontram formas de não perderem os vínculos com seus lugares de origem. E isto se dá tanto por razões afetivas – os laços de parentesco, de família e amizades – quanto pela rede de reciprocidades – a ajuda mútua, constituída localmente e em função daqueles laços. É válido ressaltar a importância do trabalho como um indicativo de valor moral para esses homens. O homem que trabalha é socialmente considerado um homem honrado que assume a responsabilidade com a família e com seus dependentes, e essa valorização dada ao trabalho ganha centralidade quando falamos de experiências de homens que, conforme eles mesmos salientam, foram criados com o discurso de que “menino bom é menino trabalhador”. Em sendo assim, põem-se a caminho rumo à capital para o trabalho braçal, enfrentando uma rotina árdua de trabalho, a saudade da família, e, na maioria das vezes, conforme relataram, a solidão.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Nádyá Araujo Castro; Vanda de Sá. **Trabalho e desigualdades raciais: negros e brancos no mercado de trabalho em salvador**. São Paulo: Annablume, 1998.

BOISSEVAIN, Jeremy. “Apresentando ‘Amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões’”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das Sociedades Contemporâneas** – métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BORGES, Hélia; MARTINS, André. Migração e sofrimento psíquico do trabalhador da construção civil: uma leitura psicanalítica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 129-146, jun. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312004000100008>.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CARVALHO, Alberto Rodrigues Câmara de. **Migrantes em Brasília: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica**. 2008. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 10, n. 1,

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

p. 171-188, jan. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cartaz - Oboré, 1992. Tradução de: Ana Isabel Paraguay e Lucia Leal Ferreira.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista Tribunais Ltda, 1990.
KOFES, Suely. Experiências individuais, interpretações pessoais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**. (3), 1994.

LEITE, Zelivaldo Falcão. **Se ela não se impor, ela vai passar como relaxada. Porquê o homem é descarado, nós é homem e sabe!**: uma análise sobre gênero e raça entre trabalhador@s da construção civil.. 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira-Ba, 2013.

MANHÃES, Manuela Chagas e ESTEVES, Júlio. Memória, narratividade e socialização: manutenção e ressignificação da memória social nas comunidades pesqueiras de arraial do cabo. **Cadernos do Cnlf**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 376-392, 2018.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **III ENCONTRO DA ANPPAS**, 3, 2006, Brasília. p. 1-16.

MARTINS, Tereza Cristina dos Santos. Determinações do racismo no mercado de trabalho: implicações na “questão social” brasileira. **Revista Temporalis**. Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 113-132, jul./dez. 2014.

MENEZES, Maria Aparecida de. Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. *In*: BAENINGER, Rosana *et al* (org). **Migrações**: implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MENEZES, Marilda Aparecida de *et al*. O retorno para a festa. **Revista Travessia**, São Paulo, n. 7, p. 9-12, 1990.

MENEZES, Sandra Roberta Alves Silva *et al*. Memórias de infância e juventude de migrantes de retorno de São Paulo a Pernambuco. **Revista Resgate**, v. 20, n. 24, p. 25-35, 2012.

POLLAK, Michael. A memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SCHAPPO, Sirlândia. Migrantes-Nômades: chegar, partir ou ficar. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 35, p. 225-240, abr. 2004.

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. 14 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Moraes e MENEZES Marilda Aparecida de. Migrações rurais no Brasil: novas e velhas questões. **Mimeo**, 2006. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/migracoes_rurais_no_brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf

SILVA, Sirley Vieira da. **Pião trecheiro**: trabalho, sexualidade e risco no cotidiano de homens em situação de alojamento em Suape (PE). 2013. 162 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SOUZA, Cristiane Santos. **Trajetórias de migrantes e seus descendentes**: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2013.

| |
|--|
| Recebido em: 29/04/2021 Aprovado em: 16/07/2021 |
|--|

Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram do interior para a capital baiana – Marluce Nery Gonzaga – p. 265-285